

XIII Reunião de Antropologia do Mercosul  
22 a 25 de Julho de 2019, Porto Alegre (RS)

Grupo de Trabalho: Culturas juvenis de rua no século XXI: transgressão, criatividade e  
resistência

Corpo e resistência nas culturas urbanas: entre práticas juvenis e práticas para a vida

Mariana Cavalcanti Pereira (UFCG)  
Lígia Sofia Ferro (Universidade do Porto)

## Corpo e resistência nas culturas urbanas: entre práticas juvenis e práticas para a vida

**Resumo:** Algumas culturas urbanas que emergiram principalmente a partir da década de 1980 revelam uma diversidade de formas de ver e de usar o espaço urbano, seja através de inscrições estéticas no espaço ou da mobilidade no mapa da cidade. O estudo etnográfico das culturas urbanas provoca a reflexão sobre o florescimento de resistências juvenis, mas também nos leva a questionar o seu caráter exclusivamente juvenil. Partiremos de um período de pesquisa realizado na área metropolitana do Porto, Portugal, com praticantes de parkour, evocando também investigações passadas realizadas nas cidades de Lisboa (Portugal) e de Barcelona (Espanha). Buscamos compreender as tessituras dessa prática a propósito da qual corpo, cidade e sociabilidades são colocados em relação. Aprofundando as representações e as práticas de indivíduos e grupos que constroem relações de solidariedade, focalizando os processos de construção identitária associados (incluindo a análise da importância do autoconhecimento corporal, da disciplina periódica, da perseverança no tempo e no espaço por meio do registro dos deslocamentos urbanos), colocaremos à discussão a possibilidade da existência de contestação do espaço através de práticas corporais concretas. Veremos como estas práticas se revestem de uma importância capital para a experiência da juventude, mas como também elas se constituem como práticas para a vida, baseando estilos de vida alternativos que se prolongam ao longo de diferentes fases da vida.

Palavras-chave: parkour; juventude; corpo; resistência.

### Introdução

O parkour, acompanhando alguns valores defendidos pelo Método Natural e pelo *Parcours du combattant*, possui no seu cerne elementos de altruísmo, utilidade, disciplina e, principalmente, de não competitividade. É comum o discurso de que o único adversário do traceur - nome designado à pessoa que pratica parkour - é ele mesmo, convergindo para um ideal de autoconhecimento e autossuperação. Trata-se, pois, de um exercício que exige um esforço não somente físico, mas também mental e que pode ser realizado de forma solitária ou coletiva.

A partir de um período de pesquisa desenvolvida na área metropolitana do Porto e em consonância com estudos realizados com traceurs e writers (grafiteiros/pichadores) em Lisboa e Espanha (FERRO, 2016), percebe-se que existe uma certa lacuna na definição do parkour, em razão da sua recente existência, podendo ser definido de diferentes maneiras, tais como a “arte do deslocamento”, como um esporte livre e radical ou mesmo como um estilo de vida (idem, ibidem). Várias são as abordagens que tentam analisar o parkour sob diferentes perspectivas.

Inserido em uma dinâmica de proeminência global, auxiliada sobretudo pela mídia, Chagas e Girardi observam que a “relação que o parkour tem com a espetacularização está na proposta de utilização da prática da modalidade em filmes, clipes, novelas...” (2015, p.27). Também temos o crescente interesse de grandes marcas ligadas aos esportes e às atividades físicas, o que acaba, entre outros fatores, contribuindo para a ampliação do debate sobre a possibilidade ou não de esportivização do parkour. Além disso, atualmente existe uma luta de boa parte da comunidade global do Parkour que é contrária à gestão da Federação de Ginástica sobre os campeonatos de parkour nas Olimpíadas. O argumento principal é que Ginástica e Parkour são práticas completamente distintas, sendo necessário, portanto, a valorização dos atletas que têm experiência direta com o parkour, interpelando diretamente a comunidade para a construção de competições no âmbito das Olimpíadas.

Assim como a criação das academias e competições de parkour, os impactos da disseminação da prática através da mídia foram sentidos de variadas maneiras, em diversos contextos culturais. Há registros da prática em diversos países, em todos os continentes, como, mais uma vez, as plataformas digitais podem nos mostrar com uma rápida pesquisa. Um caso recente e emblemático que podemos citar aqui foi o que aconteceu na cidade de Aleppo, na Síria. Diante de cenário de pós-guerra, dezenas de jovens desenvolvem os movimentos do parkour sobre os escombros resultantes do conflito. Os depoimentos oferecidos por esses indivíduos relatam a prática enquanto forma de rechaçar os efeitos negativos da guerra que afetaram seus psicológicos<sup>1</sup>. Especialmente em uma dinâmica onde grande parte da população jovem encontra-se em serviço ao Exército, esse fato é de extremo interesse para analisarmos as inúmeras recepções e adaptações que o parkour adquire ao redor do mundo, em diferentes configurações espaciais e políticas.

Dentro desse contexto, outra compreensão é a que considera o parkour como um fenômeno subcultural. Sob esse viés, observa-se a prática a partir da construção de sua identidade baseada na resistência social (que vai desde a renúncia à competição formal até

---

1 Acrobacias como antídoto de guerra em Aleppo. Disponível em

[https://elpais.com/elpais/2018/04/10/album/1523384088\\_354373.html#foto\\_gal\\_2](https://elpais.com/elpais/2018/04/10/album/1523384088_354373.html#foto_gal_2)

Parkour y reguetón em Aleppo: la vida patas arriba de los jóvenes sirios. Disponível em

<http://www.elmundo.es/papel/historias/2018/06/02/5b110d4d468aeb30128b45ef.html>

Parkour em tiempos de guerra. Disponível em <https://www.esquire.com/es/actualidad/a20629157/parkour-jovenes-alepo-guerra-siria> Acesso em 18 de julho de 2018.

as formas de desafiar a conformação da arquitetura urbana), na sua simbologia e estética que perpassa o estilo, a vestimenta, a aproximação e o afastamento de outros símbolos e grupos sociais e, sobretudo, a ideia de funcionalidade traduzida na máxima “ser forte para ser útil” (CARVALHO et al, 2008). Esse universo, pois, criativo e antagônico, revela uma dimensão de iniciativa e autonomia vinculada à gama de obstáculos oferecidos pela cidade contemporânea. Em contrapartida, também encontramos um outro olhar sobre a temática que considera o parkour enquanto prática espetacularizada, pois existe, atualmente, um processo de aceitação coletiva da sua esportivização. Nesse sentido, a prática sob perspectiva contra-hegemônica, mais defendida pelos agentes ortodoxos, passa a ser contraposta por interesses e propostas diferentes para o parkour. O fenômeno da espetacularização pode ser observado no espaço que o parkour vem conquistando junto aos conteúdos midiáticos (filmes, novelas, clipes...), como também na crescente oferta de academias e um reclame por oficialização, e conseqüente fomento (seja público ou privado), por parte de alguns grupos (CHAGAS, 2015).

Outra dimensão do parkour que podemos apontar é a de que esta prática não se relaciona majoritariamente como uma reivindicação política, isto é, no sentido restrito da apropriação do espaço, pois “transformar o meio urbano em um grande playground é não só explorar as potencialidades lúdicas desse meio, mas também liberar devires que estavam enclausurados pela educação dos gestos a que somos submetidos desde a mais tenra infância” (MARQUES, 2010, 20:30) Isso implica considerar o parkour frente a diversas dimensões (esportiva, lúdica, artística etc), além de compreender o lugar que a prática pode ocupar na construção de projetos identitários, sejam coletivos ou individuais.

A dinamicidade que o parkour proporciona à relação entre corpo e espaço dá-se nas inúmeras formas e estratégias de exploração e adaptação aos equipamentos urbanos, fazendo com que a própria pesquisa nessa temática sugira acompanhar os traceurs, a fim de entender as linguagens físicas e os discursos de risco, por exemplo. Sob essa linha de pensamento, existe uma certa dificuldade de enquadrar o parkour em determinadas definições, pois se trata de uma prática em processo, cujo alcance está cada vez mais próximo dos diversos lugares do mundo, e cada qual desses lugares e indivíduos que se relacionam com a prática possui semelhanças, mas sobretudo formas distintas de adaptabilidade e congregação de valores.

Apesar de alguns estudos demonstrarem que o parkour surge diante da ausência de equipamentos esportivos, outras pesquisas sugerem um desejo de autonomia dos participantes em relação às instituições esportivas. Aspectos como liberdade e autoconhecimento também estão presentes com uma forte expressão nesta prática, de forma que a competitividade não é o ponto central no parkour, pois contradiz um de seus princípios que é a autoconsciência corporal e psicológica. Compreender, pois, as próprias limitações e também as suas potencialidades é algo almejado entre os traceurs (FERRO, 2016).

Existe portanto, um processo intenso de fusão do corpo com o espaço da cidade (idem, ibidem). A rua é estruturada pelos traceurs, e estes, por sua vez, também se estruturam por meio da morfologia urbana. Nesse contexto, uma das principais características observadas nesta prática é que os traceurs usam os equipamentos urbanos de forma alternativa ao planejado pela administração pública (ou privada, dependendo do caso). Levando em conta essa heterogeneidade presente no universo do parkour, buscaremos exemplificar alguns aspectos relevantes sobre a prática encontradas em campo no que tange à contribuição para um debate sobre práticas que perduram ao longo da vida dos traceurs, constituindo trajetórias e projetos de vida.

### **Sentir e ser a cidade: o exercício de explorar e inventar**

Ao estabelecer um paralelo com outras práticas corporais urbanas, percebemos, por exemplo, que ao ganhar propulsão nos anos de 1980, dez anos depois da explosão do hip hop, é possível notar que o parkour possui semelhanças com o break dance (uma das vertentes daquele movimento, ao lado do grafite, DJ e MC) em alguns pontos seguintes: ambos são fenômenos que surgem dentro de um contexto de imigração presente nas periferias urbanas, possuem predominância masculina e juvenil, envolve uma dinâmica onde é observada a interação direta entre corpo e espaço e sem mediação de objetos (tais como o skate, bike, patins etc) (FREITAS, 2014). O break dance tem suas bases “em passos e coreografias que variam entre o acrobático e desportivo e a estilização de movimentos da capoeira e artes marciais” (RAPOSO, 2012), aproximando-o do parkour, que é apoiado, em

certa medida, em elementos semelhantes, além daqueles herdados do Método Natural e do Parcours du combattant.

Tanto o break dance quanto o parkour exigem elaborações no sentido relacionar o corpo com a arquitetura física das cidades e o tipo de movimento corporal que surge delas, além de demandarem dos seus praticantes métodos de lidar com as texturas, volumes e obstáculos presentes no delineamento citadino (FREITAS, 2014). Pode-se dizer, assim, que o bboy, tal qual o traceur, explora a cidade em busca de estruturas que favoreçam a prática do break dance e do parkour, respectivamente. Entretanto, apesar desses espaços apresentarem uma arquitetura interessante para esses indivíduos, eles são usados fora da concepção original para a qual foram criados, desafiando os praticantes a desenvolver métodos de relacionamento com a disposição tátil da cidade. Temos, de um lado, um espaço sendo ressignificado e, de outro, corpos que se adaptam, traçando novas estratégias de adequação àquele.

Quando questionados a respeito de como os spots<sup>2</sup> ideais para a prática do parkour são encontrados, a maioria diz que resulta de buscas mais ou menos aleatórias, na dinâmica do cotidiano ou ao lembrarem de algum lugar onde já passaram que lhes parece bom para treinar. A ampliação do leque de spots também ocorre devido à troca existente entre os traceurs. Muitos moram em regiões diferentes da cidade e, por isso, também possuem conhecimento de distintas arquiteturas e espaços, levando-os a variar bastante os lugares de treino. As escolhas também podem ser baseadas em conversas prévias sobre a gravação de um vídeo em que será exibida uma sequência de movimentos à escolha dos traceurs, por exemplo, caso decidam gravar cenas de stickers, convém pensar qual lugar pode ser mais propício para tal. Apesar de haver lugares específicos onde os traceurs mantêm uma constância de treino maior, é comum a ideia entre eles (e também a prática) de que “lugar de fazer parkour é qualquer lugar”. O parkour não está necessariamente na rua, nas paredes, nas construções, pedras, encostas, árvores e pontes. O parkour é uma (pre)disposição que está no traceur. O traceur, o ser traçante é a premissa maior do parkour. Os lugares, os equipamentos estão onde estão, mas somente são e possuem finalidades quando um corpo adaptável, criativo e explorador lhes utilizam de alguma forma.

---

<sup>2</sup> Termo utilizado para designar o lugar/espço de treino.

Este corpo disposto à maleabilidade é construído em relação com o espaço. E por isso é tão difícil apontar limites que façam uma distinção clara entre corpo e espaço. O corpo passa a ser o próprio espaço. Espaço móvel e polivalente. Um “corpo-ponte”. Pontes que são desenhadas de inúmeras formas para fazer as mais inimagináveis interligações. Seja através de um tracejamento mais objetivo (ou eficiente, rápido), seja através de um mais elaborado, detalhado, artístico. Alguns diferenciam essas formas de traçar o caminho como parkour e *free running*, respectivamente. Entretanto, os traceurs pesquisados não veem como frutífera ou substancial a diferenciação entre as duas.

Assim como outras práticas que subvertem em maior ou menor medida espaços que foram pensados para outros fins, o parkour, além de dar outros sentidos à cidade, também exercita a reinvenção subjetiva e física do corpo em si e em relação com os espaços. Falamos aqui da cidade no corpo, e vice-versa. Cidade para além da suas principais avenidas, monumentos e prédios: suas vielas estreitíssimas, seus postes esquecidos, casas abandonadas, resquícios de prédios, rachaduras, rugas, buracos, corrimões, túneis, acidentes, os mínimos detalhes que somente o olhar apurado daqueles que vivenciam a cidade de forma quase infantil possuem. O parkour pode estar no projeto profissional de um traceur, mas é também a busca pelo prazer, pela superação pessoal pela quebra de expectativa da arquitetura, entre outros inúmeros desdobramentos.

A gravação de vídeos também ocorre de forma intensa, uma vez que dada a efemeridade do movimento, o registro pode ser uma forma de perpetuação no tempo e espaço (CALDEIRA, 2012). Como visto em vários treinos, é perceptível os olhares fixos, testas franzidas ou movimentos dos braços a tomar impulso, expressões corporais que denotam cálculos necessários para a realização dos movimentos, medição da distância pela escada de pés e sempre muitas conversas sobre as possibilidades de aproveitamento do espaço e do corpo, ou mesmo da análise de ângulos mais interessantes para o registro de fotos e vídeos. O parkour, assim, é um exercício que envolve a reflexão, diálogo entre os pares e uma relação de conhecimento com o próprio corpo e com o espaço, além de ter uma dimensão performativa que atravessa o *online* e o *offline*.

Como qualquer outra prática, também, existem técnicas para facilitar a realização dos movimentos, bem como torná-los mais seguros e eficientes. Essas técnicas são sempre

compartilhadas entre os traceurs, que ao treinarem em grupo, observam atentamente seus colegas, aconselha-nos, trocam ideias e, sobretudo, comemoram em conjunto. Também as técnicas podem ser frutos tanto da troca face a face de informação ao longo dos treinos, como podem ser adquiridas em vídeos, em aulas com profissionais em Academias de Parkour, e mesmo de forma solitária – o que ajuda a desenvolver (assim como as outras formas também ajudam) uma grande consciência corporal. Para fazer parkour é preciso ter consciência do próprio corpo, é preciso conhecer cada pedaço do seu corpo, suas articulações, o peso e a velocidade necessários para o movimento, é preciso, segundo os traceurs entrevistados, estar ciente do estado em que se encontra no momento: físico e mental. A concentração é o primeiro passo – ela antevê o movimento, focaliza o objetivo, calcula prós e contras, estuda como deve ser a distribuição corporal. A “ponte” é assim construída.

Ao enfrentar um processo de esportivização, o parkour, especialmente no momento de controvérsia em que se encontra, desdobra-se em inúmeras maneiras de estar no mundo do lazer, do esporte e do estilo de vida. Cada traceur pode admitir a prática a partir de diferentes significados e aspectos. Alguns querem viver profissionalmente de parkour – seja como atleta de competição, seja como professor, como dublê de filmes de ação etc, outros querem apenas praticar por hobby, há aqueles que vivem a prática de maneira mais íntima e até mesmo espiritualizada. Há, portanto, um número imenso de possibilidades de explorar a vida pessoal e profissional com o parkour e cada uma delas, certamente, podem ser campos muito interessantes para investigação, de forma que tento discuti-las um pouco ao longo do trabalho. Todas essas e outras questões servem principalmente de suporte para iluminar uma questão mais central: como se desenvolve esse corpo traceur? Corpo que se transmuta em ponte para interligar pontos de diversas formas, um corpo que é a própria evidência das marcas espaçotemporais do urbano e traz consigo a experiência da busca, do fracasso, da superação, da comunidade, da solidão e do prazer.

**Entre vivências e projetos de vida: diferentes atravessamentos do parkour**



Questionados sobre uma “atmosfera leve” perceptível nos treinos, bem como sobre as constantes palavras de incentivo e pequenos toques com as mãos, entre professores e alunos, Márcio, 24 anos, traceur portuense há 10 anos e professor de parkour, fala que essas pequenas atitudes fazem toda a diferença (e aponta como um diferencial em relação à Ginástica). Uma palavra de incentivo ou uma crítica feita com delicadeza contribuem para que o atleta de parkour tenha motivação para estar ali, para perseverar e, sobretudo, para acreditar em si mesmo. Assim também pensa Stanislav, 33 anos, outro idealizador e professor da Academia Eu+, e quem, antes de se envolver com a prática de parkour, teve experiência com Street Workout (sendo ainda um praticante e estando envolvido nos eventos nacionais da prática) além de trabalhar com venda de artigos esportivos.

Segundo Márcio, há exceções, mas a maioria das pessoas que trabalha com parkour, o faz por “amor”, por gostar da prática. Ele mesmo diz “gosto de outras coisas, mas nada me cativa tanto quanto o parkour, é o que mais gosto de fazer na vida”. Ele é professor porque “gosta de parkour, gosta de ensinar e gosta de crianças”. Esse “fazer por gostar” no âmbito do ensino e acompanhamento dos iniciantes também constitui, para ele, um diferencial com a dinâmica vivida em outras atividades mais “oficiais”, pois existem propósitos diferentes nessas práticas. Enquanto os “esportes oficiais” procuram direcionar os atletas para competição e para a vitória, propriamente dita, o parkour não. Este procura além de desenvolver indivíduos capazes de serem fluidos por entre os equipamentos urbanos, também busca aprimorar “valores” intrínsecos ao parkour – como autoconhecimento, disciplina e “ser bom para os outros”. Para Márcio, o que fundamenta essa diferença é o objetivo final: dinheiro. Mesmo que o parkour possa eventualmente ganhar algo em termos financeiros com a realização da prática, o fato de não ser a finalidade única afasta-o, em mais um aspecto, das práticas “oficiais”, especialmente da Ginástica, esporte que há alguns anos, segundo grande parte da comunidade do parkour mundial, vem tentando se apropriar da prática enquanto uma “ramificação” daquela.

A relação que há entre os praticantes de parkour área metropolitana do Porto, especialmente visualizada na Academia Eu+, situada em Vila Nova de Gaia, passa, segundo Márcio e Stanislav, por um crivo mais sensível do que outros ambientes de treino esportivo (mais uma vez sendo comparado à Ginástica). Esse aspecto do constante incentivo, das críticas colocadas de forma mais polida – demonstrando não somente uma sensibilidade

maior por parte do professor/instrutor, mas também uma atenção para cada caso específico – juntamente com os propósitos diferentes do parkour em relação às outras práticas, coloca-o em um patamar próprio, de uma modalidade onde há envolvimento comunitário, maior liberdade, individualidade e respeito às potencialidades de cada um. A vivência que o parkour proporciona, de acordo com a maioria dos traceurs que pesquisamos, é única e, por isso, não deve ser encarada pela Ginástica. Só os indivíduos diretamente envolvidos com o parkour são capazes de compreender as finas tessituras desta prática, fato este que os permite reivindicar o lugar de gestão, por exemplo, do processo de esportivização do parkour e sua atuação junto a um evento do naipe das Olimpíadas.

Apesar dos discursos que diferenciam o parkour e a ginástica, até mesmo das opiniões mais críticas, os traceurs entrevistados deixam claro que existe respeito por todas as atividades, sendo apenas uma reivindicação de experiência direta com a modalidade que lhes dá propriedade para tratar do processo de esportivização do parkour. É preciso lembrar que a FIG dialogou com Associações de Parkour, as quais, muitas vezes, são acusadas pela comunidade de terem se corrompido apenas devido à fama e ao dinheiro. O processo de esportivização não é de todo mal visto pela comunidade, mesmo os mais “conservadores” que acreditam em um parkour não confinado às quatro paredes e ao sistema competitivo, parecem concordar no que diz respeito ao protagonismo de atletas de parkour na gestão da modalidade em eventos esportivos.

A experiência da Academia Eu+, inaugurada em 2016 e hoje destinada exclusivamente ao ensino de parkour, nasce por meio da articulação do Team Braga, um grupo composto por praticantes de parkour, circo e street workout. Durante a pesquisa, foi possível perceber a articulação de vários outros traceurs em duplas, grupos ou times. A criação desses grupos não passa por um crivo institucional, podendo ser simplesmente a criação de um perfil no Instagram com vídeos e conteúdos feitos por 2 ou 3 traceurs. Tal articulação dá-se em virtude da comunhão de interesses, objetivos, afinidades em relação à prática. Traceurs com objetivos de ganhar projeção nacional ou internacional, de difundir a cultura do parkour, de empreender trabalhos ou somente por se identificarem quanto aos valores da prática, podem juntar-se com o objetivo de reforçar os laços, de formar uma “família”. Esse fato dialoga com a atitude de incentivo pessoal que os traceurs criam entre si. O apoio intracomunitário é de extrema valia e uma força que aperta os laços criados nos

ambientes de treino. Como diz Stanislav: “Aqui em Portugal nosso grupo é “muito giro”, muito unido, somos mesmo uma família”

Além dos valores citados, há algumas referências muito citadas pelos traceurs do Porto, como é o caso do Storrer, um grupo de traceurs britânicos cuja projeção internacional, na atualidade, é uma das maiores do mundo. Com mais de 4 milhões de inscritos no Youtube, o grupo britânico é referido como um exemplo de conciliação entre trabalho e lazer. Apesar da faceta lúdica e “radical” do parkour ser a mais atrativa em seus vídeos, o Storrer possui uma dinâmica que envolve um trabalho bastante elaborado. Desde a captura de vídeos, edição, mapeamento de spots pela cidade, além dos treinos propriamente ditos. O grupo vem percorrendo o mundo, conhecendo diversas cidades, onde realizam saltos com os traceurs locais, além de mostrar diferentes contextos socioespaciais da cidade em que visitam. Além disso, o Storrer possui hoje uma marca de roupas e acessórios, a qual, segundo Márcio, pode não ser exatamente acessível, mas que “se for para investir em alguma coisa de marca , prefere gastar comprando o que é do Storrer, pois é uma forma de incentivo e fortalecimento daquilo que eu acredito, que é o parkour”.

É comum ouvir de alguns traceurs que, ao conhecerem o parkour, imediatamente identificaram esta modalidade com a prática que já tinham nas ruas do bairro. “É isso que eu já faço! É isso que eu fazia lá na rua!”. É interessante notar o caminho que muitas práticas urbanas percorrem até ganhar notoriedade com um determinado nome ou conceito. Em uma visita do Storrer ao Vidigal, periferia do Rio de Janeiro (documentado em vídeo no canal do grupo no Youtube) os atletas chamam atenção das crianças do bairro, as quais logo se entrosam com os meninos do grupo e começam a tentar imitar os seus movimentos. A intimidade com o espaço urbano, especificamente o espaço cotidiano, aquele por onde transitam todos os dias – incluindo as vielas, escadas e paredes presentes nas adjacências – pode ser uma componente melhor visualizada naqueles indivíduos que ocupam a rua de forma mais pungente. Essa intimidade pode desdobrar-se de inúmeras formas, expressando-se em marcas de ordem corporal, discursiva ou subjetiva.

Pedro, 26 anos, traceur residente na cidade de Esposende, próxima ao Porto, é professor de educação física em uma disciplina extracurricular a alunos de primário de uma escola. Essa disciplina envolve diversas atividades esportivas e de recreação, nas quais ele

utiliza eventualmente alguns ensinamentos do parkour. Além disso, ele dá aulas de parkour, ganhando por aulas em academias ou cursos em que é chamado para ministrar. Às vezes participa de algumas atividades na Academia Eu+, além de treinar com outros traceurs nas ruas. Sua prática é muito voltada para a questão da criatividade no parkour. Segundo ele, ultimamente tem se dedicado bastante ao “flow”, movimento que pode ser feito sem grandes obstáculos arquitetônicos, exigindo apenas uma maleabilidade e rapidez do traceur sobre algum ou entre alguns equipamentos. Pedro faz ioga, tai chi, tem uma alimentação muito disciplinada e é vegano. O parkour, para ele, assim como as outras atividades que desenvolve, auxilia no que ele chama de “processo de expressão de energias reprimidas pelo corpo”. Pedro é um rapaz que se interessa muito por assuntos mais holísticos. Aos 17 anos, depois de uma “crise existencial”, não sabia o que queria da vida ou quem era. Tendo, depois, encontrado sentido junto à natureza. Ele, inclusive, dos traceurs pesquisados na área metropolitana do Porto, é um dos que mais busca treinar em espaços com elementos naturais como rios, pedras e árvores. Pedro define-se enquanto traceur, mas não afasta outras concepções, pois como diz: “ser traceur é também ser, por exemplo, desenvolvedor de consciência corporal. O parkour está muito além dos momentos de ultrapassagem de obstáculos físicos. Conhecer o próprio corpo, saber os limites, e tudo mais serve para tudo na vida”.

### **Práticas juvenis e práticas “para a vida”**

Diversos são os caminhos dos estudos socioantropológicos que procuram compreender a juventude, entre eles damos destaque às abordagens da corrente geracional e da corrente classista, as quais por um bom tempo ocuparam espaço considerável no debate das práticas urbanas. Entretanto, há de sublinhar outras dimensões que têm oferecido perspectivas capazes de ampliar a compreensão da construção e desenvolvimento das trajetórias e projetos de vida desses sujeitos que entendidos a partir da ideia de juventude. Uma delas, por exemplo, é a frenética rede de relações potencializada através das novas tecnologias que são compartilhadas por atores sociais de várias gerações (FERRO, 2016). A articulação que as juventudes – no plural – estabelece com as culturas dominantes nos mostra uma heterogeneidade de reinterpretações das experiências, símbolos e sociabilidades vivenciadas.

O parkour, igualmente a outras práticas como graffiti, tem tido um foco especial dos estudos ligados à Juventude, sobretudo considerando-a em seus aspectos de subversão ou resistência à lógica hegemônica. Apesar de ser um importante fio de análise, é preciso alargar a percepção sobre esse fenômeno, a fim de não perder outros elementos também relevantes que constituem toda a complexidade da prática em questão.

Nas pesquisas desenvolvidas em Portugal e Espanha, foi observada uma considerável diversidade de faixa etária, incluindo alguns traceurs com mais de 30 anos, além de uma variedade de classe e etnia entre os praticantes. Somente o viés de gênero marca ainda fortemente o parkour: a esmagadora maioria é constituída por homens, dado este também presente na grande parte das práticas urbanas. Além disso, observamos que as trajetórias sociais e territoriais são bem diluídas entre centros e periferias das cidades estudadas, marcando um deslocamento extremamente fluido, não só nos limites das cidades, como também por outros países da Europa.

O parkour muitas vezes continua ao longo do percurso de vida dos traceurs, mais uma vez chamando atenção para o alcance dessa prática além do seu aspecto juvenil. Principalmente diante de uma tendência crescente de reconhecimento no campo desportivo e midiático, o parkour integra projetos de vida dos seus praticantes, como foi possível observar em campo. Vários traceurs têm se articulado cada vez mais em times e grupos a fim de dar continuidade à prática por meio de iniciativas como Academias, organizações desportivas, marcas de roupas ou canais de conteúdo sobre parkour.

Os projetos individuais também existem, mas geralmente não deixam de tomar impulso em consonância a um empreendimento coletivo. Segundo os entrevistados, é importante unir forças com outros colegas que compartilham dos mesmos princípios e desejos. Mesmo inseridos em um grupo, cada traceur pode se destacar por suas potencialidades específicas e também auxiliar no crescimento pessoal e profissional dos colegas, seja por meio dos treinos onde o conhecimento é partilhado, seja por meio da divulgação nas redes sociais. Esses grupos ou times que nascem por meio da prática e objetivos em comum, também são desintegradas em virtude de conflito de interesses ou mesmo diante de outras circunstâncias individuais como tempo e trabalho. Importante

ressaltar, que mesmo inseridos em um certo universo simbólico, os sujeitos exploram este das mais diversas maneiras e seus grupos de sociabilidades não são restritos àquele, sendo atravessados por outros grupos com termos sociais, estéticos e estílicos mais ou menos distintos e que contribuem para o processo criativo de reinterpretação dos elementos deste universo (FERRO, 2016).

Durante o período de pesquisa no Porto, houve alguns eventos onde compareceram traceurs de outras cidades e países, seja para treinar nas ruas, como no caso das Jams<sup>3</sup> promovidas pela Academia Eu+ ou da visita do grupo de traceurs britânicos “Storror”, seja para ministrar cursos de aperfeiçoamento de professores de parkour da região. Alguns traceurs da Zona Metropolitana do Porto também deslocam-se constantemente pela Europa, facilitados principalmente pelas trocas estabelecidas nesses eventos, nas redes sociais e plataformas de compartilhamento como o Youtube.

Muitos dos traceurs entrevistados possuem o desejo ou direcionam esforços no sentido de construir uma carreira em cima da prática do parkour, seja como professor, como atleta, como educador físico e algumas variantes observadas em campo como “coach” ou “desenvolvedor de consciência corporal”. Há um tempo atrás, era mais comum observar uma maior resistência ao aspecto financeiro envolvendo o parkour, pois, tida também como um tipo de filosofia voltada para “ser e durar”, a prática foi compreendida por um tempo enquanto atividade livre das normatividades esportivas e das lógicas capitalistas. Esse pensamento, apesar de eventualmente poder ser encontrado, enfrenta cada vez mais ressignificações perante as possibilidades profissionais que os traceurs almejam e desenham para suas vidas.

Diante de tais elementos encontrados em campo e que apresentamos brevemente aqui, parece ser muito mais frutífera a compreensão da complexidade e diversidade dos trajetos e projetos dos atores sociais, ao invés de tentar estabelecer uma categorização das culturas juvenis em contraposição a uma cultura entendida como adulta e dominante (FERRO, 2016). Uma parte considerável dos nossos interlocutores, especialmente os que se encontram próximo ou na casa dos 30 anos de idade, tem estabilidade econômica e

---

3 Evento promovido pela Academia Eu+ com o intuito de reunir traceurs para treinar na rua. Esse evento também é uma estratégia da Academia de chamar a atenção dos transeuntes e divulgar a prática e as aulas oferecidas.

social, tendo o parkour e outras práticas corporais como fonte de sua atividade profissional ou já se encontram com projetos de vida elaborados a partir da experiência vivenciada com a prática de parkour.

## **Considerações Finais**

Para concluir, podemos considerar que o parkour é uma prática relativamente recente, apesar de ter suas bases em contextos mais longínquos; passou e passa por um processo de expansão a nível global, onde a mídia, em seus diversos desdobramentos (televisão, cinema, internet, jornais, etc), contribui de forma extremamente significativa para suas mais diversas configurações.

Além disso, podemos dizer que o parkour é uma prática recepcionada de inúmeras maneiras, por diferentes dinâmicas socioespaciais, nas quais adquire, ciclicamente, novas configurações de cenários materiais, bem como de ideais e valores. A prática é também situada, cada vez, nas agendas de discussão desportiva sobre a possibilidade do seu status de esporte e, conseqüentemente, da sua inclusão em políticas públicas e nos Jogos Olímpicos.

Diante de várias tendências que o parkour pode enfrentar em seu cariz desportivo, buscamos especialmente apontar alguns exemplos de traços que atravessam as subjetividades, trajetórias e projetos de vida dos traceurs, os quais nos revelam aspectos e valores em comum entre eles, mas também apontam para heterogeneidades constituintes de cada experiência e projetos de vida. Assim, por meio do exemplo da prática do parkour, é possível ultrapassarmos as limitações teóricas que definem a juventude somente por um ou outro viés, sem considerar a complexidade existente na trama dos atores envolvidos nas práticas culturais e urbanas, as quais, muitas vezes, diluem-se e perduram ao longo da vida dos sujeitos.

## **Bibliografia**

BRITTO, Fabiana Dultra. JACQUES, Paola Berenstein. Cenografias e corpografias urbanas – um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade. In Cadernos PPG-AU/UFPBA. Vol. 7, edição especial 2008. Parte III.

BRITTO, Fabiana e JACQUES, Paola. Corpo e cidade – coimplicações em processo. Rev. UFMG, Belo Horizonte, v.19, n.1 e 2, p.142-155, jan./dez. 2012.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Inscrição e circulação: novas visibilidades e configurações do espaço público em São Paulo. In Novos Estudos – CEBRAP no.94 São Paulo Nov. 2012

CARVALHO, Rui Gonçalves de. PEREIRA, Ana Luísa. Percursos alternativos – o *Parkour* enquanto fenómeno (sub)cultural. *Rev. Port. Cien. Desp.*[online]. 2008, vol.8, n.3, pp.427-440. ISSN 1645-0523.

CHAGAS, R. R. ROJO, J. R. GIRARDI, V. L. O processo de esportivização de uma modalidade: o parkour enquanto prática espetacularizada in *Journal of the Latin American Socio-cultural studies of sport*. Curitiba, v. 5, n. 1, p.21-33, 2015.

FERRO, Ligia. Da rua para o mundo: etnografia comparada do graffiti e do parkour. Lisboa: ICS, 2016.

FREITAS, Vanilto. Usos da cidade: parkour e b.boying. In *Revista Científica FAP*, Curitiba, v.11, p.79-95, jul./dez. 2014.

MARQUES, Rafael Adriano. Cidade Lúdica: um estudo antropológico sobre as práticas de Parkour em São Paulo. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

PEREIRA, Gabriela Leandro. Escapes possíveis na produção da cidade – aproximações cartográficas do bairro Alice Coutinho. Dissertação Arquitetura e Urbanismo. UFBA, Salvador, 2010.



RAPOSO, Otávio. Coreografias de evasão: segregação e sociabilidade entre os jovens do *break dance* das favelas da Maré», *Etnográfica*, vol. 16 (2)|2012, 315-338.